

Cardiologista de Santos participa de maratonas apesar do “stent”



Três anos depois de ter passado por uma angioplastia e colocado um “stent” no terço proximal da coronária descendente anterior, o cardiologista Carlos Alberto Cyrillo Sella, de Santos, continua correndo maratonas e competindo em triatlo, que é sua preferência.

Ele conta que “como cardiologista do esporte, minha especialidade, sou um exemplo vivo daquilo que pregamos, isto é, que após um evento cardíaco não se deve parar de praticar esporte”. É claro que ele agora monitora mais de perto seu próprio coração depois do problema, “uma lesão numa única coronária, pois as outras estavam perfeitas, a circulação colateral excelente”, mas continua competindo e incentivando a mulher e os filhos, que também correm. E não quer falar mais do problema, mas do prazer do esporte solitário.

Carlos Alberto sempre foi esportista. Praticou natação, vôlei e karatê, mas aos 57 anos diz que cansou de telefonar para os amigos em busca de companhia cada vez que queria se exercitar. E, aos poucos, foi optando pela corrida e pelo triatlo, esportes individuais.

Com oito maratonas no currículo, a primeira no Rio, em 1989, “sob um sol desesperador”, o cardiologista se orgulha da

classificação na faixa etária no Campeonato Mundial de triatlo, em Orlando, nos Estados Unidos, embora confesse “que não tenho mais aquele corpinho de bailarino espanhol”.

É o esporte que o mantém mentalmente sadio, ensina ele, que considera quase uma obrigação aproveitar as possibilidades oferecidas por Santos, uma cidade que se oferece aos corredores. Ele corre na praia, na areia molhada, quase na água, mas quando uma competição se aproxima, treina pesado, sobe e desce duas a três vezes as ladeiras da ilha Porchat, o que lhe valeu uma hérnia de disco e um joelho meio problemático. Problemas pequenos, diz ele, diante das vantagens do esporte, da sensação de estar sozinho consigo mesmo, do pensamento que corre solto enquanto as pernas se movem depressa.

“É comum resolver problemas durante a corrida, os mesmos que, sentado na escrivaninha, pareciam não ter solução”. E de quem não gosta de correr sozinho, diz ele, “são aquelas pessoas tão chatas, que não suportam a si mesmas”. Sem companhia, Carlos Alberto diz que encontra seu próprio ritmo, não tem que ser “educado”, correndo mais devagar ou mais depressa do que gosta, só para acompanhar um companheiro. E ao cuidar de atletas com 65 e até 70 anos, o



cardiologista diz que seu único limite é o esqueleto, pois o coração e a cabeça são excelentes, “para eu morrer, só abatido a tiro”.

Depois da piada, a colocação mais séria: “correr é uma maravilha, mas vale lembrar que exercício não é vacina, que o atleta também morre do coração, quando chega na faixa etária em que há maior incidência de problemas cardíacos”. Justamente por isso, mesmo médicos atletas precisam de uma avaliação criteriosa porque, infelizmente, diz ele, o atleta não é um super-homem.

Pericárdio, aorta e coronária são personagens de Max Grinberg

Num debate amigável, mas que por vezes se torna acalorado, o cardiologista Max Grinberg discute de igual para igual com a Aorta, a Coronária, o Miocárdio, o Pericárdio, o Ritmo e a Válvula, personagens insatisfeitos com a forma como são tratados dentro do organismo de tabagistas, obesos e sedentários. A explicação das razões e reclamos dos vários integrantes do coração, que ganham vida própria, está no livro “Seis personagens à procura de um doutor”, da Editora Via.

Grinberg, que não é neófito no campo das letras, já que assina também o livro “Memórias de um Estetoscópio”, diz que foi buscar inspiração em Monteiro Lobato e na literatura infantil para escrever a nova obra, já que usa a prosopopéia, licença literária que dá vida, emoções e voz a entes inanimados, criando uma cardioprosopopéia (e um neologismo ao mesmo tempo).

O livro, que deveria ser uma maneira de decodificar a complexidade da literatura médica, acaba sendo uma leitura muito agradável-



vel mesmo para os médicos, uma vez que Grinberg não consegue esconder a erudição digna dos melhores humanistas, citando Molière, Descartes, e conseguindo num livro sobre o coração falar, no mesmo parágrafo, do “Pequeno Príncipe”, de Saint Exupéry e do “O Príncipe”, de Maquiavel.